

A MULHER NO TELEJORNALISMO: Como e quando elas aparecem como fonte de informação no Jornal Hoje e no JMTV 1ª Edição¹

WOMEN IN TELEJOURNALISM: How and when they appear as a source of information in Jornal Hoje and JMTV 1ª Edição

Daniele Silva Lima ²
Camilla Quesada Tavares ³

Resumo: *No jornalismo, o uso de fontes é primordial para a construção das narrativas noticiosas, entretanto, têm-se observado que homens e mulheres não aparecem de forma igualitária neste papel. Sendo assim, este trabalho propõe contribuir com os estudos ao se debruçar sobre a presença das mulheres como fontes de informações nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª Edição, sendo o primeiro nacional e o segundo regional. A pergunta a ser respondida aqui é: “quando e como as mulheres são usadas como fonte de informação nos dois telejornais?”. Para responder ao problema da pesquisa, foi utilizado como método científico a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2006), o corpus do estudo compreende uma amostra estratificada (SOUSA, 2004) com 24 edições do Jornal Hoje e 24 edições do JMTV 1ª Edição que foram transmitidos no ano de 2019. Assim, foram analisadas 429 matérias que contavam com 1119 fontes de informação. Como resultado, verificou-se inúmeros discrepâncias ao se comparar a presença de homens e mulheres no telejornal. Entretanto, algum avanço foi observado no telejornal regional, o JMTV 1ª Edição, que apresentou um cenário mais positivo para as mulheres. Apesar disso, homens e mulheres ainda estão longe de serem vistos de forma equilibrada nas coberturas dos telejornais.*

Palavras-Chave: Fontes de informação. Telejornalismo. Mulheres.

Abstract: *In journalism, the use of sources is essential for the construction of news narratives, however, it has been observed that men and women do not appear equally in this role. Therefore, this work proposes to contribute to the studies by focusing on the presence of women as sources of information in the news programs Jornal Hoje and JMTV 1ª Edição, being the first national and the second regional. The question to be answered here is: “when and how women are used as a source of information in the two newscasts?”. To answer the research problem, Content Analysis (BARDIN, 2006) was used as a scientific method, the corpus of the study comprises a stratified sample (SOUSA, 2004) with 24 editions of Jornal Hoje and 24 editions of JMTV 1ª Edição that were transmitted in 2019. Thus, 429 articles were analyzed, with 1119 sources of information. As a result, there were numerous discrepancies when comparing the presence of men and women on the news. However, some progress was observed in the regional news program, JMTV 1ª Edição, which presented a more positive scenario*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, Gênero e Raça da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Universidade Federal do Maranhão, mestranda, danielesilvalima15@gmail.com.

³ Universidade Federal do Maranhão, doutora, camilla.tavares8@gmail.com.

for women. Despite this, men and women are still far from being seen in a balanced way in the news coverage.

Keywords: *Source of information. Telejournalism. Women.*

1. Introdução

O conceito de gênero, que busca demonstrar que as mulheres lidam com problemáticas advindas da sociedade patriarcal e seus códigos construídos antes mesmo do nascimento delas (Beuvoir, 1967, Heilborn, 1994, Escosteguy, Messa, 2008), influenciou diversas áreas de estudos científicos, e com a pesquisa em jornalismo não foi diferente. Recentemente, diversos trabalhos têm discutido os efeitos dessas marcas patriarcais tanto nas redações jornalísticas quanto no que se é produzido para os diversos meios de comunicação. No que diz respeito ao conteúdo, sabe-se que homens e mulheres não gozam de forma igualitária do espaço dado às fontes de informação para a construção das narrativas jornalísticas.

Diante desse cenário, este artigo, que faz parte de uma monografia mais ampla, levanta a seguinte problemática: quando e como as mulheres aparecem como fonte de informação nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª Edição? Aqui, pretende-se mensurar em que temas de notícias elas estão presentes nas matérias televisivas, e, quando elas aparecem, qual o papel das vozes delas dentro do recorte da notícia. Assim, o objetivo geral do trabalho é analisar a presenças das mulheres como fontes de informação nos dois telejornais, sendo um regional e outro nacional, e estabelecer uma comparação com a presença masculina. Entre as categorias que serão analisadas estão os temas e abrangências das notícias e os tipos de fontes que são encontradas nos telejornais, além de ser demonstrado de forma quantitativa o número de mulheres que apareceram como fontes em comparação com o número de homens.

Para cumprir com esse objetivo, foram escolhidos dois objetos para a pesquisa, o telejornal JMTV 1º Edição, programa regional produzido em São Luís, Maranhão, e transmitido ao meio-dia de segunda-feira a sábado, pela afiliada da Rede Globo no Estado do Maranhão, a TV Mirante. E o Jornal Hoje, que tem sede na cidade de São

Paulo e tem transmissão nacional aproximadamente às 13h, de segunda-feira a sábado também, logo após o JMTV 1º Edição. A escolha desses objetos se deu no interesse em comparar um veículo nacional e um regional, que apesar de serem vinculados à mesma emissora, possuem rotinas e coberturas distintas. Assim, pretende-se observar se as mulheres são mais consultadas em um grande veículo de nível nacional, que teria mais recursos e fontes à disposição para realizar suas coberturas, ou em um telejornal que é voltado para notícias locais e regionais, tendo também uma menor estrutura.

Este trabalho justifica-se por sua importância em buscar preencher uma lacuna que se observa nos estudos de gênero brasileiros, que se concentram no Sul do Brasil (SILVA et al., 2019). Diferente destes, aqui se observa também uma redação do Maranhão – a partir do JMTV 1º Edição -, no Nordeste do país. O trabalho se debruça na metodologia de natureza quantitativa e utiliza a Análise de Conteúdo (AC) como técnica de pesquisa, segundo Bardin (2006). As variáveis e categorias de análise foram inspiradas na pesquisa *Global Media Monitoring Project*, foi desenvolvido um livro de códigos próprio, para melhor atender aos propósitos da pesquisa e considerando as particularidades do contexto estudado.

A seguir, os próximos dois tópicos levantam uma revisão bibliográfica sobre os estudos de gênero em jornalismo e fontes de informação, passo fundamental para o desenvolvimento da análise. Após isso, a metodologia do trabalho é apresentada demonstrando em detalhes os passos que foram seguidos para se chegar aos objetivos da pesquisa. A partir disso, os resultados são discutidos com o apoio de gráficos e tabelas e, por fim, são feitas as considerações finais com novos caminhos para este estudo.

2. As fontes de informação e o jornalismo: uma estreita relação

A atividade jornalística se tornou algo fundamental nas sociedades, como já disse Melo (2003, p. 19): “É fato que o homem sempre teve vontade, interesse e aptidão para saber o que se passa. Informar e informar-se constituiu o requisito básico da sociabilidade.” Ou seja, é dessa atividade que os cidadãos se informam e é por meio disso que eles são capazes de levantar debates na esfera pública. Gomes

(2018), ao falar sobre a importância da comunicação nas sociedades democráticas, afirma que o jornalismo – tanto na forma impressa, audiovisual e online – afeta os cidadãos diretamente na tomada de decisões e desempenha um papel importante na forma como as pessoas interpretam os problemas sociais. Segundo Lage (2009), o jornalismo tem um papel fundamental na vida dos cidadãos, uma vez que é através dele que as pessoas se informam sobre as notícias do mundo de forma clara e simples.

O pontapé inicial para o jornalismo como conhecemos hoje foi para a inclusão dos profissionais da reportagem na rotina de produção das empresas. “Com o novo jornalismo, desenvolveu-se a ideia de que competia ao próprio jornal andar atrás da ‘notícia’; era preciso encher o jornal com notícias que poderiam interessar os leitores.” (TRAQUINA, 2005). Segundo o autor, esse foi o momento que o repórter se tornou a figura central das redações e começou a ocupar um cargo integral no jornalismo, já que são eles são os responsáveis por ir atrás das notícias que vão gerar interesse, o que, claro, também é crucial para a obtenção de lucros permitida com a comunicação de massa. Foi na inclusão do repórter que a técnica da entrevista foi cada vez mais usada para construir as notícias, por isso elas começaram a apresentar mais diversidade de pontos de vista (TRAQUINA, 2005).

Neste momento nascia um personagem muito conhecido na atividade jornalística: as fontes de informação. Vários autores se dedicaram a entender quem é essa figura e qual seu papel, Traquina (2005, p. 190) diz que “uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto.” Além dele, Schmitz (2011) também define a fonte como alguém envolvido em um assunto de interesse do repórter: “a maioria das informações jornalísticas advém de organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de interesse da mídia.” (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Lage (2009) deixa claro que as fontes de informação são fundamentais para o processo jornalístico, uma vez que a grande maioria das matérias não se desenvolvem apenas com a observação de um jornalista sobre algum fato, ele

também precisa ouvir instituições ou personagens que tenham envolvimento com o assunto que o profissional está cobrindo.

Uma vez que se sabe o peso e importância que a fonte possui para a construção de matérias, se faz necessário discutir sobre pluralidade de vozes que são usadas no jornalismo, uma vez que ele é um produtor de discursos e que esses, por sua vez, não são apenas reflexos da realidade, mas também a constroem (PELLEGRINI, 2008). Isso porque o discurso jornalístico “é elemento preponderante na própria construção do conhecimento imediato das pessoas, de suas crenças, do modo como veem e interpretam os fatos do mundo, enfim, da realidade social.” (PELLEGRINI, 2008). Por esse motivo, Pellegrini (2008) defende que a imprensa deve prezar pelo oferecimento de informações independentes, críticas, confiáveis e que sejam capazes de explicar a vida social para a audiência. Além disso, a multiplicidade de vozes no jornalismo é, de acordo com Karam (1997), algo indispensável para que as pessoas consigam compreender o presente e para permitir uma intervenção consciente no futuro.

Sobre isso, Pinto (2000) também defende a multiplicação e diversificação das fontes no jornalismo como uma forma de representar a complexificação da vida, pois é através do aumento dos discursos diferentes que é possível o crescimento do volume de informações e da intervenção de novos atores na cena social. Essa discussão se legitima mais ainda quando se pensa na produção jornalística como uma fonte de conhecimento e de construção de sentidos, como defende Pellegrini (2008).

Por todos esses motivos se percebe que os jornalistas, ao selecionar suas fontes e construir suas notícias, precisam pensar na inclusão de vozes diversas que falem de temas políticos e sociais importantes para o debate na esfera pública, ao invés de sempre preferirem por usar os mesmos atores sociais e, conseqüentemente, os mesmos discursos.

Dentro da discussão sobre a importância da fonte no jornalismo, se faz necessário também destacar que o telejornalismo traz um novo elemento: a imagem dos entrevistados que, de acordo com Lage (2009, p 38) “Mais do que em qualquer outro veículo, a entrevista televisiva devassa a intimidade do entrevistado, a partir de dados como sua roupa, seus gestos, seu olhar, a expressão facial e o ambiente”.

Squirra (2004, p. 51) também deixa claro o impacto desse elemento: “(...) a imagem tem papel fundamental na comunicação eletrônica. É indiscutível sua força, capacidade de convencimento, poder de expressão e dramaticidade”. A relevância que os telejornais possuem na sociedade brasileira também é reforçado por Gomes (2018, p. 342) quando diz que “no Brasil, há pouquíssima violação pontual que possa resistir a três minutos de denúncias no Jornal Nacional ou no Fantástico (...)”.

Não se pode negar que o telejornalismo ocupa um lugar de destaque na sociedade, Porcello e Sartori (2013, p. 5), dizem que ele tem a função de “sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para uma organização do mundo circundante.” O trabalho diário do jornalista é, em resumo, um trabalho de mediação da realidade para o público.

Pensando nisso, é importante destacar a importância do telejornalismo na veiculação dos discursos. Rocha (2009), indica que o que é veiculado na TV é fundamental, pois é através dela que os sentidos e representações ganham grande circulação. Assim, Porcello e Sartori (2013, p. 7) falam sobre uma responsabilidade do jornalismo feito para a televisão. “(...) é preciso reforçar o compromisso social do telejornalismo por seu largo alcance e por levar o mundo à casa das pessoas, informando, questionando e provocando a reflexão crítica sobre os temas que a sociedade deve discutir.” Ainda sobre isso, Coutinho (2012) afirma que os telejornais apresentam uma expressão da realidade nacional, pois todos os discursos veiculados na produção, por meio de som e imagem, adquirem visibilidade em todo o país e, por isso, ganham relevância e os entrevistados, por sua vez, são reconhecidos com uma autoridade mediática ou televisiva.

Apesar da discussão sobre a multiplicidade de vozes, o que se vê no conteúdo jornalístico ainda demonstra uma disparidade quando se observa a veiculação de vozes masculinas e femininas. No ano de 2015, o Global Media Monitoring Project relatou que a porcentagem de mulheres que apareciam nos jornais impressos, na televisão e no rádio foi de apenas 24%, o mesmo número encontrado em de 2010. Esse cenário pouco favorável para as mulheres no jornalismo segue sendo discutido com mais profundidade no próximo tópico.

3. A presença da mulher no jornalismo: quando o gênero entra em questão

A conceituação do que seria o gênero pode ser pensada de diversas formas, apesar da grande maioria das teorias de gênero se debruçarem sobre homens e/ou mulheres, há também estudos que definem o gênero para além do binarismo. Entretanto, este trabalho vai se ocupar de entender as questões do gênero sofridas pelas mulheres em particular.

Para início dessa discussão, Heilborn (1994, p. 1) afirmou que “Gênero é um conceito das ciências sociais que, grosso modo, se refere à construção social do sexo.” Beauvoir (1967, p. 9) defendeu que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade (...)”. Para aprofundar a noção do que é o gênero, Butler (2019), ao problematizar o pensamento de Simone de Beauvoir, argumenta que ele não deve ser entendido como uma unidade, algo comum que se relaciona com todas as mulheres do mundo. Segundo ela, “se há algo certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, em devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim”. (BUTLER, 2019, p. 69 – grifo da autora).

Ao se entender essa questão, se faz necessário também apontar que as mulheres negras enfrentavam a opressão de forma distinta da que foi enfrentada pelas mulheres brancas quando o movimento feminista surgiu. Davis (2016) indica que no século XIX as mulheres brancas enfrentavam uma crescente ideologia da feminilidade, que destacava que o papel feminino era de ser mãe e esposa amável, por outro lado, as mulheres negras enfrentavam o sistema escravagista que as viam como anomalias.

Essas problemáticas levantadas pelas autoras citadas e tantos outros, aliadas com a ascensão do movimento feminista mundialmente, influenciaram na produção das pesquisas científicas, incluindo os estudos que se dedicam a analisar a comunicação e o jornalismo. De acordo com Rocha e Woitowicz (2013), com o aumento da presença das mulheres na produção de conteúdo para a mídia, os

estudos que envolvem o gênero na mídia e no jornalismo também tiveram um crescimento, apesar de se apresentar de forma mais tímida. Além disso, Martinez, Lago e Lago (2016) indicam que as pesquisas sobre jornalismo e gênero são esparsas, diferente de outras áreas de estudo. Mas, apesar disso, as autoras afirmam que esse campo de estudo ocupa um lugar fundamental nas pesquisas relacionadas às humanidades.

De acordo com Hedler, Cervi e Hedler (2011), é importante verificar como meios de comunicação divulgam os direitos das mulheres e as transformações que estão acontecendo na sociedade, como também perceber se os jornalistas estão perpetuando estereótipos. Alguns estudos já existentes, que pretendem abordar como a desigualdade aparece no conteúdo jornalístico, já demonstram que a produção carrega estereótipos (SARMENTO, 2012), diferenças na cobertura das candidatas (MIGUEL; BIROLI, 2011) e ausência de fontes mulheres (JOHN, 2014), por exemplo.

Quando se fala especialmente nas pesquisas sobre fontes de informação, alguns estudos já apontam que homens e mulheres aparecem de forma desigual na cobertura jornalística. Cerqueira (2008) percebeu que não há pluralidade de fontes femininas nas matérias veiculadas no Dia Internacional da Mulher em um estudo sobre as notícias de jornais de Portugal. Elas aparecem em espaços menores nas páginas e que aparecem, majoritariamente, em editorias menos relevantes dos jornais, ficando de fora da política, economia e esportes. Hendel (2017) também afirma que as editorias de economia e esportes seguem sendo um espaço de dominação masculina.

Trazendo para a realidade brasileira, Marino (2018), ao estudar matérias do Jornal Nacional, percebeu discrepâncias no uso de homens e mulheres como fontes de informação. De acordo com sua pesquisa, menos de um terço dos entrevistados no telejornal são mulheres e, ao se fazer um recorte interseccional, o número de mulheres negras é ainda menor, apenas oito foram ouvidas. Um cenário parecido foi encontrado em 2004 também no Jornal Nacional, de acordo com os resultados da pesquisa feita por Meidtsch e Segala (2005), ao olharem as fontes usadas, viram que a maioria das vozes eram de homens e que, quando aparecem, as mulheres ocupam o lugar de cidadã comum e apenas emitem sua opinião. A falta de mulheres como especialistas em algum assunto também foi resultado do estudo de Pereira, Caleffi e

Albertini (2018) ao olharem para o telejornal “Boa Noite, Paraná”, em que 157 especialistas foram ouvidos, mas apenas 20 eram mulheres. Os autores também evidenciaram uma masculinização na redação da RCP-TV, já que a ampla maioria dos repórteres são homens.

Além da desigualdade em quantidade de fontes ouvidas, também já foi percebida uma discrepância ou se olhar em que tipos de editorias as mulheres mais aparecem. Diversos estudos apontam que as mulheres são, frequentemente, representadas de forma estereotipada na mídia quando se trata da editoria de política. Muitas vezes, a cobertura sobre mulheres na política dá destaque a aspectos como a aparência e a vida familiar, o que não é percebido quando se trata de homens (DANTAS; RUBIM, 2018). Esses discursos são resultado das expectativas sobre comportamento, aparência e competências que são atribuídas às mulheres de acordo com uma construção cultural (HOLTZ-BACHA, 2013).

Também se observa diferença de tratamento de mulheres e homens de acordo com os formatos jornalísticos. Segundo Moreno (2017), no que diz respeito à aparição das mulheres em telejornais, elas, frequentemente, aparecem como vítimas ou testemunhas anônimas nos noticiários, poucas vezes as mulheres aparecem como fonte especialista. Isso denota que é difícil ouvir opiniões e ideias de mulheres sobre assuntos como economia e política no jornalismo, por exemplo. Ainda segundo a autora, “[...] a seletividade das imagens, discursos e realidades das mulheres, hoje, corresponde a, por um lado, uma invisibilidade seletiva do que não interessa à mídia amplificar, cerceando o direito universal à expressão” (MORENO, 2017, p. 37).

Após essa revisão de literatura que levantou sobre a importância e papel das fontes de informação e as problemáticas encontradas quanto à desigualdade de homens e mulheres que são ouvidos pelos jornalistas, o próximo tópico apresenta a metodologia desenvolvida neste trabalho para verificar a presença delas em dois telejornais brasileiros.

4. Processos Metodológicos

A pesquisa apresentada neste trabalho trata-se de um recorte de uma monografia mais ampla sobre o mesmo tema, o método utilizado para que o objetivo

deste estudo fosse alcançado foi a Análise de Conteúdo (AC). De acordo com Bardin (2006), “(...) a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2006, p. 38). Ou seja, essa é uma técnica ideal para esta pesquisa, pois além de estudar um produto da comunicação, ela disponibiliza várias formas de análise e é adaptável. Sousa (2004) afirma que esse método permite que sejam vistas questões acerca das representações de minorias.

O ano escolhido para fazer a coleta das matérias foi o de 2019, porém, como se trata de uma delimitação muito ampla, optou-se por realizar uma amostra com dias específicos deste ano. De acordo com Sousa (2004), ao se estudar um jornal durante um ano, não é recomendado que se faça uma amostra com dias corridos, uma vez que, caso algum acontecimento provoque um aumento ou diminuição do tema que se está estudando, os resultados podem ficar enviesados. Também já foi observado que amostra de mais de 12 jornais não aumenta significativamente a exatidão da aferição (Stempel, 1952 citado por Sousa, 2004). Por esses motivos, fez-se um ano construído dos telejornais em 2019, o que totalizou 24 edições coletadas do JMTV 1ª Edição e 24 do Jornal Hoje.

A construção da amostra se deu da seguinte forma: a) nos meses de número ímpar foram escolhidos dias entre a semana 1 e 3 do mês e nos meses de número par foram escolhidos dias entre as semanas 2 e 4; b) a coleta se inicia no primeiro dia do ano, uma terça-feira, sendo assim, se salta 1 dia e a próxima data a ser analisada é uma quinta-feira de janeiro; no mês seguinte a coleta se inicia numa quarta-feira, pula 1 dia e a próxima data é de uma sexta-feira de fevereiro, e assim sucessivamente. Assim, pode-se coletar programas com dias da semana distintos. Ao todo, 48 edições foram coletadas, sendo 24 do JMTV 1ª Edição e 24 do Jornal Hoje. Em cada uma dessas edições, apenas as 4 primeiras fontes que apareciam na matéria foram coletadas.

Apesar deste estudo utilizar um material audiovisual, ele vai se limitar apenas às mensagens que constroem o discurso jornalístico nas matérias dos telejornais. Sendo assim, para a categorização, foi observado o texto oral dos jornalistas e das fontes de informações: vão ser suas falas proferidas durante a transmissão da matéria

para guiar a categorização dos temas de notícias e a abrangência. Sendo assim, imagens e características físicas não são consideradas nessa abordagem. O *corpus* da análise vai compreender apenas as matérias que incluem falas de fontes de informações dando entrevistas, dessa forma, notas de esclarecimento lidas pelos apresentadores e demais documentos não serão somados à análise. As entrevistas consideradas são as transmitidas em VT's, entrevistas em estúdio ou links ao vivo, assim, quadros e reportagens especiais não serão contabilizadas. Após todos esses recortes, chegamos ao total de 183 matérias coletadas do Jornal Hoje e 246 do JMTV 1ª Edição, somando um total de 429, que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Para a categorização, foi desenvolvido um livro de códigos próprio com inspirações na codificação feita pelo *Global Media Monitoring Project (WACC, 2020)*, que analisa a representação da mulher no jornalismo mundial a cada 5 anos. Apesar da inspiração, aqui foram feitas adaptações de categorias ou somatizações para melhor atender aos objetivos. O livro de código inclui a categorização dos temas das notícias, abrangências e tipos de fontes que apareceram nos dois telejornais.

Apresentados os detalhamentos que dizem respeito ao processo de escolha de objetos, recortes e técnicas de pesquisa, a seguir são elencados os resultados com apoio de gráficos e tabelas e são feitas as devidas discussões à luz destes dados.

4. Resultados e discussões

Para este estudo, 183 matérias do Jornal Hoje e 246 do JMTV 1ª Edição, no ano de 2019, foram coletadas e analisadas. Somando-se assim um total de 429 notícias televisivas. O método utilizado foi a Análise de Conteúdo, que permitiu que fossem obtidos diversos dados sobre os telejornais e que fossem feitos alguns cruzamentos para entender o que está sendo veiculado aos telespectadores.

Para começar esta análise, é interessante iniciar a discussão acerca da quantidade de homens e mulheres ouvidos nos telejornais. Foi verificado que os dois jornais possuem uma média de 3.36 entrevistas por notícia veiculada, entretanto, ao se olhar apenas para fontes mulheres a média cai para 1.32, ou seja, dentre as 429 matérias apenas uma mulher é ouvida em média em cada notícia, de modo geral.

Quando se olha de forma individual, o Jornal Hoje possui uma média de 2.77 fontes por matéria e 0.91 de mulheres. O JMTV se sai um pouco melhor, com uma média de 3.80 fontes ouvidas e 1.63 sendo mulheres. Nos gráficos abaixo (FIG. 1 e FIG. 2), pode-se verificar de forma comparada o número de fontes consultadas em cada

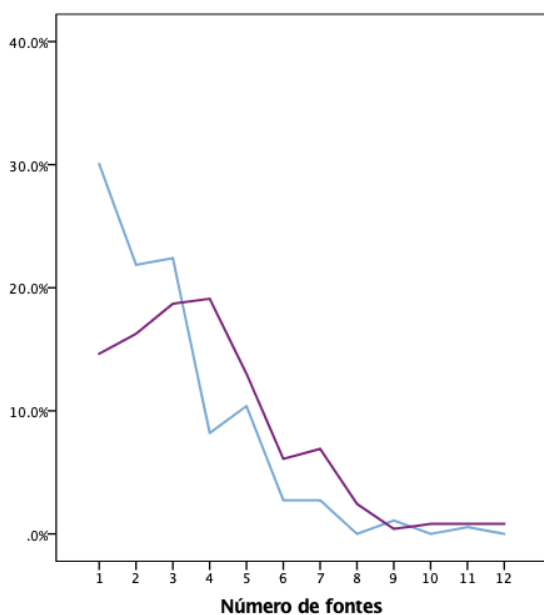
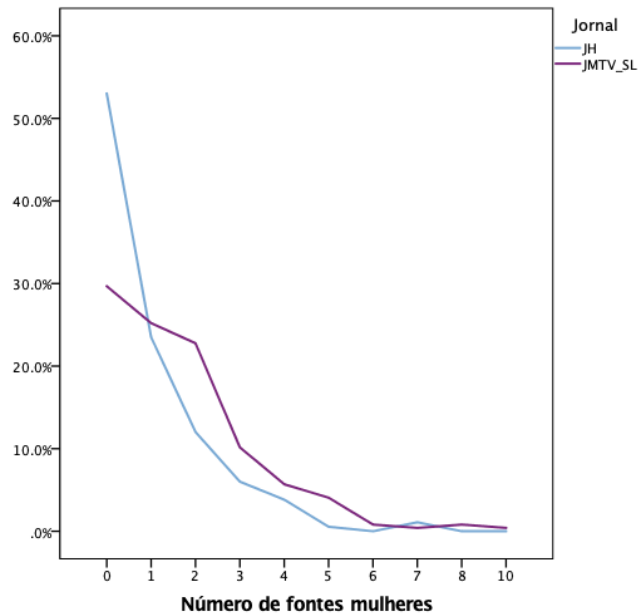


FIGURA 1 – Números de fontes consultadas
 FONTE – Elaborado pela autora (2020)



telejornal.

FIGURA 2 – Números de mulheres consultadas
 FONTE – Elaborado pela autora (2020)

Nos gráficos estão dispostas as porcentagens de uso de fontes de acordo com a quantidade em que elas aparecem nas matérias. No gráfico 1, pode-se ver que 30% das matérias do Jornal Hoje – representado pela cor azul – apresenta apenas 1 entrevista. De modo geral, o JMTV – representado pela cor roxa – é o telejornal que usa mais fontes, seu pico é no uso de um pouco mais de 4 entrevistas por matéria, depois ele segue sempre acima do JH, com exceção do uso de 9 entrevistados. No gráfico 2, o JMTV também segue ganhando quando se fala em uso de fontes mulheres, enquanto o JH se destaca por não usar nenhuma mulher como fonte em mais de 50% das matérias, o telejornal regional só não traz mulheres entrevistadas em pouco menos de 1/3 dos materiais veiculados. Dentre as notícias do JMTV que apresentam fontes mulheres, praticamente 50% têm até 2 entrevistadas. Entretanto,

é perceptível que, ao comparar com o número total, as vozes femininas aparecem menos. A partir de 3 entrevistadas mulheres, as duas linhas do gráfico sofrem uma queda com pouca variação.

Para aprofundar a análise e cumprir o objetivo de observar em que temas elas mais aparecem, a tabela (TAB. 1) abaixo demonstra, primeiramente, quais tipos de notícias mais foram explorados pelos dois telejornais em 2019. Logo em seguida, serão descritos os resultados com um cruzamento entre as categorias de temas e sexo das fontes.

TABELA 1

Temas de notícias presentes nos telejornais

| Tema | Jornal Hoje | | JMTV 1ª Edição | | Total | |
|------------------------|-------------|--------|----------------|--------|-------|--------|
| | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % |
| Política | 34 | 18.6% | 3 | 1.2% | 37 | 8.6% |
| Economia | 30 | 16.4% | 23 | 9.3% | 53 | 12.4% |
| Saúde | 10 | 5.5% | 26 | 10.6% | 36 | 8.4% |
| Educação | 7 | 3.8% | 10 | 4.1% | 17 | 4.0% |
| Minoria Social | 6 | 3.3% | 11 | 4.5% | 17 | 4.0% |
| Infraestrutura urbana | 7 | 3.8% | 50 | 20.3% | 57 | 13.3% |
| Violência e Segurança | 32 | 17.5% | 35 | 14.2% | 67 | 15.6% |
| Corrupção | 5 | 2.7% | 4 | 1.6% | 9 | 2.1% |
| Acidentes | 22 | 12.0% | 11 | 4.5% | 33 | 7.7% |
| Meio ambiente | 11 | 6.0% | 10 | 4.1% | 21 | 4.9% |
| Esportes | 1 | 0.5% | 6 | 2.4% | 7 | 1.6% |
| Entretenimento/Cultura | 16 | 8.7% | 50 | 20.3% | 66 | 15.4% |
| Universo feminino | 0 | 0.0% | 0 | 0.0% | 0 | 0.0% |
| Outro | 2 | 1.1% | 7 | 2.8% | 9 | 2.1% |
| Total | 183 | 100.0% | 246 | 100.0% | 429 | 100.0% |

FONTE – Elaborada pela autora (2020).

Pelos dados na tabela, pode-se perceber que os telejornais seguem um perfil distinto de temas diários. O Jornal Hoje explora mais temas como política (18.6%), violência e segurança (17,5%), economia (16.4%) e acidentes (12%). Já o JMTV 1ª Edição traz mais infraestrutura urbana (20.3%), entretenimento/cultura (20.3%), violência e segurança (14.2%) e saúde (10.6%). O que pode explicar essa diferenciação é o alcance que cada um deles possui, o Jornal Hoje é nacional, por

isso, decisões políticas e fatores econômicos são mais presentes, já que afetam todo o país, além disso, o número alto de acidentes tem a ver com a cobertura de tragédias naturais que aconteceram naquele ano, como o rompimento da barragem em Brumadinho, em janeiro de 2019, e efeitos decorrentes de fortes chuvas em alguns estados. Esses acontecimentos tiveram vários desdobramentos, o que gerou pautas recorrentes nos telejornais. Entretanto, o JMTV é um telejornal local, o que faz com que seus assuntos sejam guiados pelos problemas da comunidade e, em sua maioria, da cidade de São Luís. Por esse motivo, há o grande aparecimento de matérias sobre infraestrutura, que denunciam as más condições das vias públicas, e de entretenimento, por causa dos eventos culturais que acontecem na cidade e no estado.

Quando se cruza esses temas com a categoria sexo, tem-se alguns dados interessantes. No Jornal Hoje encontra-se mais as mulheres em economia, com 24 ouvidas (17,8%), violência e segurança, sendo 19 (14.1%) e em acidentes, com 16 delas (11.9%). Da mesma forma, os homens são mais ouvidos em economia, sendo 64 ouvidos (20,5%), política, com 60 (19,2%), violência e segurança, com 41 (13.1%) e em acidentes, com 41 falas deles (13.1%). Porém, como se pode notar, em todos os temas eles estão em maior número, as mulheres apenas são mais ouvidas que os homens quando se fala em minoria social, quando se ouviu 8 mulheres (5.9%) contra 4 (1.3%) homens. Em política elas são as menos ouvidas, enquanto há a presença de 8 mulheres, 60 homens foram consultados. Demonstrando assim que o cenário político ainda é majoritariamente protagonizado por homens, tanto fora quando dentro das telas da TV.

Esse cenário de falta de vozes femininas nas coberturas políticas foi recentemente destacado após Marina Silva (Rede), ex-senadora e ex-ministra do Meio Ambiente, se posicionar contra a narrativa de que ela “sumiu” após o período de campanha eleitoral. Ela aponta que há um processo de inviabilização que abafa a voz das mulheres na política⁴. Sua declaração lança luz exatamente sobre essa problemática encontrada nesta pesquisa e em outros estudos, em que as mulheres

⁴ [Marina Silva nega 'sumiço' e critica governo: 'Todo dia me posiciono' \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/marina-silva/noticias/2021/05/24-marina-silva-nega-sumico-e-critica-governo-1710001.htm)

ou são subjugadas à coadjuvantes ou nem ao menos são consultadas nas coberturas midiáticas. Isso causa a falta de representação delas nesse meio e uma legitimação de que a política é um “lugar dos homens”.

Também é importante constatar que, apesar do aparente equilíbrio nas notícias de economia e violência e segurança, os papéis que homens e mulheres desempenham nessas matérias são distintos, enquanto elas servem como testemunhas, vítimas e salientam suas opiniões e relatos pessoais, eles são ouvidos como fontes oficiais e especialistas. A relação entre o sexo e os tipos de fontes será discutido de forma mais detalhada posteriormente.

Em contraste com os resultados do Jornal Hoje, os dados do JMTV 1º Edição apresentam várias diferenças. Neste telejornal, as mulheres estão mais presentes nas notícias sobre entretenimento/cultura, em que 82 mulheres foram ouvidas (26.7%), infraestrutura urbana, com 51 (16.6%) e saúde, com 48 (15.6%). Nestes casos, além de elas estarem na posição de opinião e relatos – papel muito observado no Jornal Hoje -, também foi percebida uma maior presença delas como especialistas e fontes oficiais. Já os homens são encontrados em maior número em infraestrutura urbana, com 115 consultas (25.8%), entretenimento/cultura, com 100 (22.5%) e violência e segurança, com 55 (12.4%). Além disso, no JMTV, elas ganham em número, quando comparadas aos homens, em três temas: economia, com 40 mulheres (13%) contra 34 homens (7.6%), saúde com 48 mulheres (15.6%) contra 36 homens (8.1%) e em educação com 20 mulheres (6,5%) contra 12 homens (2.7%). O fato de elas aparecerem mais em economia pode ser explicado pela maior procura da opinião delas em relação a preços, pois grande parte das matérias utilizam gravações em supermercados, principalmente na época do Natal e Ano Novo. Com relação à saúde, há a presença delas como oficiais e especialistas – coordenadoras, enfermeiras, médicas -, como também em papel de opinião e relato. Cenário semelhante à educação, em que elas são ouvidas como professoras, coordenadores e diretoras de escolas, além de darem opinião e relatos, como no papel de mãe, por exemplo.

Outro objetivo deste estudo é exatamente verificar que papel homens e mulheres desempenham nas matérias. Por isso, foram analisadas as funções que as fontes desempenham nas matérias veiculadas nos telejornais (TAB.2).

TABELA 2
Tipos de fontes consultadas nos telejornais

| Tipo de fonte | JH | | JMTV | |
|--------------------|-------|-------|-------|--------|
| | Freq. | % | Freq. | % |
| Assunto da matéria | 40 | 8.9% | 26 | 3.5% |
| Oficial | 125 | 28.0% | 191 | 25.4% |
| Especialista | 54 | 12.1% | 42 | 5.6% |
| Testemunha | 33 | 7.4% | 13 | 1.7% |
| Opinião/relato | 193 | 43.2% | 480 | 63.8% |
| Total | 445 | 0.4% | 752 | 100.0% |

FONTE – Elaborada pela autora (2020).

O Jornal Hoje usa mais fontes que dão opinião pessoal (43.2%), oficiais (28%) e especialista (12.1%). Já o JMTV dá mais espaço para a opinião pessoal (63.8%), oficial (25.4%) e especialista (5.6%). Ou seja, os dois seguem um perfil semelhante quando se olha o uso de fontes na narrativa. É importante notar que as fontes que fornecem seu relato pessoal são as mais usadas no telejornalismo, algo já apontado pela literatura (MEDITSCH, SEGALA, 2005). Esse tipo de fonte aparece para contar algo de cunho individual e/ou uma experiência vivida como uma forma de ilustrar a matéria e dos telejornais chegarem mais próximo da audiência, uma vez que são as vozes da comunidade sendo ouvidas. Esse recurso é mais usado, como se pode ver, pelo JMTV, um telejornal regional. Logo depois, as fontes mais usadas são as oficiosas, pessoas que ocupam, geralmente, cargos públicos e são consultadas pelos jornalistas para explicarem alguma situação para a comunidade, essas também são levantadas como as preferidas no jornalismo (SCHMITZ, 2011). Além disso, o grande uso de fontes especialistas e oficiais se dá ao fato de os jornalistas precisarem produzir matérias sobre assuntos que não entendem (SHCMITZ, 2011) e o destaque dado à fala de pessoas comuns é uma forma de “instrumento de personificação de assuntos” (COUTINHO; MATA, 2010).

Seguindo a análise, temos os dados cruzados de tipos de fontes e sexo das fontes de informação consultadas. No caso do Jornal Hoje, os homens são em sua maioria as fontes que fornecem opinião e relato, sendo 104 (33.3%) deles, mas também se destacam sendo oficiais, 107 (34.2%), e especialistas, 46 (15%) deles. Por

outro lado, apesar das mulheres terem algum equilíbrio com os homens quanto a dar sua opinião, com 89 (66%) falas, ao se olhar para oficiais e especialistas a discrepância é maior. Apenas 18 (13.3%) mulheres foram fontes oficiais e 8 (6%) foram especialistas. Ou seja, a mulher está no telejornal mais para compartilhar seus relatos pessoais e servirem de ilustração para um assunto, do que para representar órgãos públicos e privados e interpretar algo, devido ao seu conhecimento específico, que são papéis de mais destaque no jornalismo.

As autoras, Pereira, Caleffi e Albertini (2018), perceberam um cenário semelhante ao olharem para as fontes no telejornal Boa noite, Paraná. Segundo elas, a falta de mulheres como oficiais e especialistas causa uma exclusão delas nos debates e reafirma imagens masculinas e femininas nos moldes tradicionais dos estereótipos de gênero, enquanto os homens estão relacionados a participação no mercado de trabalho, as mulheres estão relacionadas a vida doméstica e a maternidade, por exemplo. Beffa (2017) também aponta que esse mesmo cenário faz com que os homens ocupem papéis centrais nas notícias – como autoridades, peritos, os que explicam ou classificam algo –, e as mulheres são usadas como instrumentos para que a matéria seja relacionável com as pessoas, fornecendo suas opiniões sem serem peritas no assunto. Por fim, Rocha e Woitowicz (2013) também reforçam que quando há desigualdade na escolha de fontes, isso acaba por reproduzir representações dos papéis masculinos e femininos na sociedade.

Em comparação, os dados do JMTV 1ª Edição mostram um cenário mais positivo do que o Jornal Hoje. Os homens estão mais presentes em opinião/relato, tendo 260 entrevistados (58.4%), oficial, com 136 (30.5%) e especialista, com 29 (6.5%). Já as mulheres estão mais presentes também em opinião/relato, sendo 220 entrevistadas (72%), oficial, com 55 (18%) e especialista, com 13 (4.3%). Pode-se perceber que há um equilíbrio entre os especialistas nos dois sexos, ou seja, ao contrário do JH, o telejornal regional entrevista mais mulheres com conhecimentos específicos na profissão ou da academia. Com relação a fonte oficial, apesar dos homens serem maioria, há um bom número de mulheres nessa função. Ao se olhar quando a fonte é assunto da matéria, o número é igual, foram 13 mulheres e 13 homens consultados.

Outro fato interessante é que, apesar de grande parte dos jornalistas de Imperatriz e Balsas, no Maranhão, terem informado que não se preocupam com o gênero das fontes e de algumas confessarem que acham mais difícil encontrar mulheres especialistas (LIMA; SANTOS; TAVARES, 2019), o telejornalismo regional do estado apresenta um avanço no sentido de consultarem mais mulheres com essa função, diferente do que foi percebido no jornalismo nacional, representado pelo Jornal Hoje.

Com base nestes dados apresentados e nas discussões levantadas aqui, parte-se para o levantamento das considerações finais que se pode construir a partir disso.

5. Considerações Finais

Neste estudo, teve-se como objetivo observar como as mulheres, enquanto fonte de informação, são vistas nos telejornais Jornal Hoje e JMTV 1ª Edição em 2019. Para cumprir essa proposta, foram coletadas 429 matérias que incluíam entrevistas para verificar os temas de notícias, os tipos de fonte e estabelecer uma comparação entre o uso de falas masculinas e femininas nas construções narrativas da notícia. Ao todo foram identificadas 1.199 fontes de informação.

No Jornal Hoje, de abrangência nacional, 135 mulheres foram usadas como fonte de informação, menos da metade do número de homens, que chegou a 312. Já o JMTV, telejornal regional, foi o que mais as ouvia, foram 307 mulheres entrevistadas e 445 homens, uma diferença menor da encontrada no primeiro telejornal. A diferença entre os dois programas se reflete também em como as mulheres são apresentadas nos temas de notícias e em relação aos tipos de fontes. No Jornal Hoje, elas são as menos ouvidas em 12 categorias, só ganham quando se olha em minoria social. Além disso, a maior disparidade está em temas políticos, em que apenas 8 mulheres foram ouvidas, enquanto se entrevistou 60 homens. É interessante se notar que em um telejornal de abrangência nacional as mulheres são tão mal representadas, se sobressaindo quando se fala em minoria e sendo pouco ouvidas em outros temas que são bastante relevantes para a sociedade, o que faz com que elas percam a

representatividade em áreas como economia e política, que seguem sendo entendidas como um campo masculino.

Em comparação, o JMTV 1ª Edição apresentou um pequeno avanço na equidade de homens e mulheres. Elas são as mais ouvidas em temas de economia, saúde e educação. Mesmo que elas apareçam mais como fontes que fornecem opinião/relato, elas também têm uma boa presença como oficiais e especialistas nesses temas. Ou seja, na abrangência regional é onde se pode encontrar mais representatividade feminina como vozes importantes dentro da narrativa jornalística.

Quando se percebe os tipos de fontes de informação presentes nos telejornais a partir da categoria sexo, é perceptível que também existam distinções, inclusive no estabelecimento da comparação entre os dois programas. Tanto no Jornal Hoje quanto no JMTV 1ª Edição, as mulheres estão mais presentes no papel de fonte que dá sua opinião/relato. Ou seja, a voz delas pouco contribuem para o desenvolvimento das pautas, uma vez que a fala de cidadãos comuns não costumam fornecer informações relevantes, apenas estão lá para servir de ilustração para a matéria (Meditsch, Segala, 2005).

Entretanto, o JMTV que demonstra um cenário melhor novamente. Neste telejornal, há uma presença maior de mulheres sendo fontes oficiais e especialistas, como apontado anteriormente. Ou seja, se percebe um maior equilíbrio entre os sexos e é onde elas desempenham função de mais destaque, pois são consultadas para representarem órgãos públicos e privados e por terem conhecimento específico em algum assunto. Isso é algo que não se esperava, uma vez que já foi levantado que em cenários regionais há uma maior dificuldade em encontrar mulheres que sejam especialistas em algum assunto (Lima, Santos, Tavares, 2019). Teoricamente, pensa-se que um jornal de abrangência nacional que tem sede em um grande centro teria mais entradas de falas femininas que fossem oficiais ou especialistas, porém, não foi o resultado encontrado aqui. A partir disso, é interessante que se estude se isso seria um reflexo de desinteresse ou de constrangimentos na produção rotineira das pautas.

Diante destes resultados, pode-se afirmar que a presença das mulheres ainda apresenta problemáticas e precisa de muitos avanços. Elas ainda não estão presentes em grandes números quando se olha para as fontes de informação e são

invisibilizadas enquanto fontes oficiais e especialistas em temas políticos e de economia, o que faz com que se legitime uma imagem de que elas não pertencem a essas áreas.

Este trabalho pode se tornar um pontapé inicial para que outros estudos sejam feitos e a pesquisa na área de estudos de gênero sigam avançando. Outros autores podem verificar nas redações jornalísticas quais são constrangimentos podem refletir na falta de mulheres sendo ouvidas como fontes de informação, principalmente quando se fala em fontes oficiais e especialistas. Além disso, quanto ao conteúdo, outros estudos podem expandir o que foi realizado aqui em outros meios ou analisando outros contextos sociais. Dessa forma, as pesquisas científicas podem contribuir para a construção de um jornalismo feito com mais equidade e representatividade.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Tradução de: Sérgio Milliet.
- BEFFA, L. C. As fontes femininas no jornalismo brasileiro. **Comunicação: Reflexões, experiências, ensino**, v. 13, n. 2, p. 121-196, 2017.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. Tradução de: Renato Aguiar.
- CERQUEIRA, C. B. A Imprensa e a Perspectiva de Gênero: Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. **Observatorio (obs*)**, [s.l.], v. 5, p.139-164, 2008.
- COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- _____, I.; MATA, J. Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 17, n. 1, p. 65-73, 2010.
- DANTAS, F. A.; RUBIM, L. O. TCHAU QUERIDA: Questões de gênero na cobertura da mídia sobre o governo Dilma. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 466-491, 2018.
- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. Tradução de: Heci Regina Candiani.

ESCOSTEGUY, A. C.; MESSA, M. R. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). **Comunicação e Gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. Cap. 1, p. 14.

GOMES, W. Por que a comunicação é tão importante quando se pensa a democracia? In: MENDONÇA, R. F.; CUNHA, E. S. (Org.). **Introdução à Teoria Democrática: Conceitos, histórias, instituições e questões transversais**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. v. 1. 372p.

HEDLER, A. P.; CERVI, E. U.; HEDLER, P. A mulher na mídia: estudo sobre a presença feminina na temática violência. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 20, n. 2, 2011.

HEILBORN, M. L. De que gênero estamos falando. **Sexualidade, gênero e sociedade**, v. 1, n. 2, p. 1-6, 1994.

HENDEL, L. **Violências de gênero: las mentiras del patriarcado**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2017.

HOLTZ-BACHA, C. Quem cuida das crianças? A representação das mulheres do alto escalão político pelos media. **Compolítica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.45-60, 2013. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/2820/quem_cuida_crian%C3%A7as_holtz-bacha.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 nov. 2018.

JOHN, V. M. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 11, n. 2, jul a dez de 2014.

KARAM, F, J. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LIMA, D. S.; SANTOS, W. O.; TAVARES, C. Q. Relações de gênero na rotina de trabalho de mulheres jornalistas: um estudo de Imperatriz e Balsas, no Maranhão. **ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 6, n. 2, p. 300–321, 2019.

MARINO, C. Mulheres, espaço e voz no telejornalismo brasileiro: Análise das representações sociais de gênero no JN. In: **16º Encontro da SBPJor**. 2018. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/view/1430>. Acesso em: 11 jul. 2020.

MARTINEZ, M.; LAGO, C.; LAGO, M. C. S. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Revista Famecos**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.1-23, 21 mar. 2016. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22464>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22464>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MEDITSCH, E.; SEGALA, M. Vozes do povo e vozes do poder: uma análise dos atores das notícias do principal telejornal brasileiro. **Revista PRISMA.COM**, v. 0, n. 1, p. 16–42, 2005.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Caleidoscópio Convexo: mulheres, política e mídia**. São Paulo: Unesp, 2011.



MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia: controle social comparado**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017.

PELLEGRINI, P. A atuação das fontes na construção do discurso jornalístico. **Revista Cambiassu**, São Luís, p. 269-288, 2008.

PEREIRA, A.; CALEFFI, R.; ALBERTINI, C. Um telejornal de homens? Invisibilização e silenciamento das mulheres no Boa noite Paraná. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2018.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**, [s. L.], v. 14, n. 2, p. 277-294, 2000. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5512>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PORCELLO, F.; SARTORI, D. Telejornalismo no Brasil: a linguagem verbal e não verbal para atrair a Nova Classe Média. **Sessões do Imaginário**, v. 18, n. 29, p. 3-9, 2013.

ROCHA, P. M.; WOITOWICZ, K. J. Representações de Gênero na mídia: um estudo sobre a imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, 2013.

ROCHA, S. M. Como a noção de gênero televisivo colabora na interpretação das representações? Proposta metodológica de análise integrada. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: Edufba, 2009. p. 9-296.

SARMENTO, R. Quem faz a sua maquiagem? A senhora sabe cozinhar?: Estereótipos sobre o feminino na entrevista de Dilma Rousseff à Patrícia Poeta. IV Encontro Nacional da ULEPICC. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVA, G.; SILVA, R.; SOUSA, N.; TAVARES, C. Gênero como tema de pesquisa em Jornalismo: uma comparação do perfil de quem publica em revistas de Comunicação. **IX Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR)**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, p. 1-20, 2019.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Letras Contemporâneas, 2004.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M.. **Aprender telejornalismo: produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são?**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.